

Os aspectos do trágico e a tematização da arte em *Querida* (2009), de Lygia Bojunga

Aspects of the tragedy and the theme of art in *Querida* (2009) by Lygia Bojunga

LUCIANA FERREIRA LEAL*

Resumo: O artigo discorrerá sobre os aspectos do trágico na obra *Querida* (2009), de Lygia Bojunga. O objetivo será o de discutir a presença de temas trágicos como *hybris*, patético, incesto simbólico e presságio. Lygia Bojunga faz de Pollux, protagonista do livro, um menino entregue ao ciúme que sente da mãe. Ele encontra refúgio dos efeitos devastadores dessa emoção na casa de um parente desconhecido: Pacífico. As histórias afetivas de Pollux e Pacífico se entrelaçam, levando os dois a questionamentos e apaziguamentos definitivos. *Querida* também trata de um tema recorrente na obra de Lygia – a questão da arte.

Abstract: The article will discuss the aspects of the tragedy of the book *Querida* (2009) by Lygia Bojunga. The goal is to discuss the presence of the tragic themes such as *hybris*, pathetic, symbolic incest and presage. Lygia Bojunga introduces Pollux, main character of the book, as a boy who is jealous of his mother. He finds refuge of the devastating effects of this emotion in the house of an unknown relative called Pacífico. The affectionate stories of Pollux and Pacífico intertwine leading both of them to definite questionings and appeasements. *Querida* also talks about art which is a recurring theme in Lygia's books.

Palavras-chave: Elementos do trágico, arte, *Querida*, Lygia Bojunga.

Keywords: Elements of the tragic, art, *Querida*, Lygia Bojunga.

* Doutora e pós-doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo.

Introdução

Publicado em 2009, *Querida* é o livro que trata do ciúme, da morte, da pobreza, dos sonhos, dos amores e da amizade. Lygia Bojunga faz de Pollux, protagonista do livro, um menino entregue ao ciúme que sente da mãe. Após a morte do pai e o novo casamento da mãe, sente-se desprezado pela mãe e perseguido pelo padrasto.

Querida também trata de um tema recorrente na obra de Lygia – a questão da arte. O teatro e a literatura se entrecruzam na vida de Pacífico e Pollux – e também na da autora – visto que sua carreira artística começou com o teatro. Outros livros de Lygia veiculam essa experiência inicial, como exemplo citamos aqui *O Abraço* (1995).

Elementos do trágico permeiam a obra *Querida*. Com destino à casa do tio Pacífico, Pollux encontra pelo caminho a velha e o Bis, uma dupla que o ajuda a chegar ao Retiro, lugar onde seu tio mora. A dupla é patética, como são patéticas as cenas que envolvem as três personagens.

Depois de conhecer Pacífico, Pollux conta sua história acrescentando alguns detalhes que não existiam; seu tio o deixa ficar e, nos dois dias em que Pollux passa no Retiro, ele conhece melhor a vida de Pacífico, os motivos que o levaram a se afastar de sua família e a misteriosa mulher, por quem ele teria largado tudo para viver ao lado. Outros aspectos podem ser vislumbrados na obra, por exemplo, a *hybris*, a desmedida, os presságios, as simbologias e o patético.

Nessa obra, Lygia Bojunga ilustra o ciúme do menino Pollux e o encontro com o tio que nunca conhecera, travando o convívio e a descoberta do que há de mais comum entre duas pessoas. A “Querida” do Pollux e as “Queridas” do Pacífico envolvem o leitor em uma trama intensa.

Aspectos do trágico: *Hybris*, *harmatia*, patético, simbologias e presságios

Em *Querida* (2009), Lygia Bojunga faz de Pollux – a personagem central do livro – um menino entregue ao ciúme que sente da mãe. Ao ser perguntada se *Querida* podia ser, também, um livro para crianças, Lygia se limitou a responder: “Talvez até possa ser. Depende da criança”.

Já no prólogo do livro, sabemos que o narrador passou, em sua infância, dois

dias na casa da Ella, a mulher que vê grande e nobremente estampada na página do obituário do jornal e que exerce sobre ele grande fascínio: “Minhas lembranças me forçavam a recriar a memória de todo um episódio de infância que tinha sido tão marcante para mim” (Bojunga, 2009, p. 11).

O primeiro capítulo, denominado “O primeiro encontro”, já não é mais narrado em primeira pessoa, como o prólogo. O narrador é do tipo onisciente, situado fora da história, com irrestrito acesso tanto aos aspectos exteriores da vida das personagens, quanto a sua interioridade, revelando mesmo domínio sobre seu passado. A voz narradora cede espaço aos diálogos entre as personagens, possibilitando o discurso direto. Trata-se de um narrador que se empenha em narrar os fatos com certa objetividade e distanciamento, com especial gosto para a descrição dos muitos cenários em que ocorre a ação. Trata-se, todavia, de um narrador intruso, que, por vezes, emite opiniões, realiza julgamentos e, em alguns momentos, torna-se cúmplice do protagonista. Essa aproximação, esporádica, é tão intensa que é possível observar fragmentos de discurso indireto livre. Ou seja, a voz narradora se deixa envolver com a voz de algumas personagens, mas essa presença é muito tímida. O que não é tímida é a presença dos diálogos que são muito fortes na narrativa.

É nesse capítulo que o leitor se embrenha na história. Diante de um menino chamado Pollux que resolve fugir de casa a fim de morar com um tio que nunca vira, o leitor vai se envolvendo com um enredo bem diferente. A *hybris* aqui é vislumbrada. A desmedida dessa personagem é fugir de casa e a *hamartia* se efetiva no percurso de autoconhecimento de Pollux.

Na tragédia grega, o herói traz consigo a falha de ser dotado de *hybris*. Relacionada ao equilíbrio e à racionalidade do século V a. C., a *hybris* representa a desmedida do individualismo. Nessa tragédia, a *hybris* é normalmente seguida da *hamartia*, erro sem culpa, pois é cometido inconscientemente, mas é capaz de provocar a desordem no universo social.

É no diálogo vivo entre as personagens que o caráter dos protagonistas é revelado. Pacífico é um ser diferente, não gosta de conversa, é reservado. Só gostava de conversar com a mãe, que morrera no parto de Lara, mãe do Pollux. Queria ser ator, acabou cozinheiro. Uma grande paixão o faz largar a profissão de *chef* de cozinha para dedicar-se e viver para ela.

A carta que Pacífico escreve à família, na ocasião em que comunica a sua reclusão para servir à mulher amada, provoca um sentimento patético. A persona-

gem discorre sobre a dificuldade de conviver com todos os membros da família e confessa que a única pessoa com quem conseguiu se comunicar e ter uma relação feliz foi com a mãe. Menciona a sua necessidade de se dedicar plenamente e intensamente a alguém ou a alguma coisa. O leitor sente um aperto no peito, sente piedade, tristeza e também compaixão. Pacífico finaliza a carta desejando que a família consiga fazer da vida um lugar bom para morar.

O substantivo feminino “querida” é definido, no Dicionário *online de Português*, como “mulher que é estimada ou muito apreciada por outrem”; “aquela que se quer muito bem: querida mãe”. O dicionário apresenta, como sinônimo de “querida”, os termos “amada” e “namorada”. Ressaltamos que, no significado desse nome, está contido um indício de que há incesto simbólico na relação do tio e do sobrinho com suas respectivas mães. Tanto um quanto o outro nutre por elas um amor edipiano. Sentem ciúme, não sabem dividi-la; no caso de Pacífico, com outros irmãos, e de Pollux, com outro homem.

Pollux tem nome grego. Na mitologia, Castor e Pollux são gêmeos celestes. Segundo a mitologia, Leda, mulher de Tindareu, gerou quatro filhos em uma única gravidez, sendo dois de seu marido e os outros dois de Zeus. Apesar da paternidade diferente, Castor e Pollux eram gêmeos e unidos, no entanto, tinham naturezas distintas. O primeiro era um grande cavaleiro e o segundo um grande lutador. Os irmãos estão associados a muitos episódios épicos, como exemplo, o salvamento da irmã Helena, raptada por Teseu.

O sobrinho reconhece que tem algo em comum com o tio: o desejo de representar, de ser ator. Diga-se de passagem, Pollux representa bem sua história. Diz para o tio, inicialmente, que todos morreram, pai, mãe e até o cachorro. Interessante notar aqui, e não por acaso, que o cachorro chama-se Castor. Conforme referenciamos anteriormente, na mitologia grega, Castor é o irmão gêmeo de Pollux.

Se já nos remetemos ao incesto simbólico, chegou a vez de fazermos referência também à morte simbólica. Pollux sofre pela morte real do pai. Como a mãe, após cinco meses da morte do pai, já está apaixonada por outro, Pollux, por nutrir grande ciúme da mãe e de sua nova relação, sente a sua perda ainda mais. Sente-se como se tivesse sido abandonado por ela e por isso fantasia que o namorado da mãe, Roberto, quer matá-lo.

Na primeira noite na casa do tio, acorda de madrugada e começa a lembrar das circunstâncias que o fizeram sair de casa, “mas lembrar começou a doer!”

(Bojunga, 2009, p. 64). Em ambiente pressagioso – “o pássaro noturno gritou de novo e mais alto”, “uma nuvem tinha escondido a lua”, “o coração de Pollux despencou” (Bojunga, 2009, p. 65) –, se dá a narração do primeiro encontro com Ella, a mulher mascarada:

Uma mulher sentada num dos bancos do jardim falava e gesticulava, e o Pollux olhava pra tudo quanto é canto que a janela mostrava e não via mais ninguém além da mulher. Quanto mais ele olhava para ela, mais estranha ela parecia: o cabelo era comprido de uma brancura que chegava a brilhar; uma túnica, também branca, debruada de cetim prateado e quase arrastando no chão, cobria a mulher todinha (Bojunga, 2009, p. 65).

O indício aferido no título do primeiro capítulo “Primeiro encontro” é aqui concretizado. Inicialmente, somos levados a acreditar que o primeiro encontro se refere apenas ao do tio e sobrinho. Mas, à medida que avançamos a leitura, nos é desvelado que se trata também do encontro com a personagem enigmática do livro já referenciada no texto.

Pollux sente-se fascinado pela mulher, o coração dispara e a alma sobressalta-se. Vale ressaltar que, ao descrever a cena e a mulher para o tio, não consegue descrever o rosto da mesma e isso é muito sintomático: “a cara dela era... sei lá!... uma cara que... Era a cara de uma moça. Bem moça. Que não tinha nada a ver com todo aquele cabelo branco e que... e que... Sei lá!... uma cara esquisita, que não parece de verdade, e que...” (Bojunga, 2009, p. 68-69).

Uma cara estranha que não parece ser verdadeira. Esse é um presságio fundamental, visto que personaliza o ambiente trágico que envolve a intriga. Segundo Carlos Reis, os presságios são constituídos “por todo o tipo de afirmação e acontecimento susceptíveis de fazer prever uma fatalidade inevitável” (1995, p. 92). Os presságios são, na análise estrutural da narrativa, indícios, unidades narrativas que prognosticam fatos que se concretizarão.

Na segunda noite que passa na casa do tio, Pollux tem a oportunidade de conhecer Ella. Dona de uma beleza primaveril que deixa Pollux fascinado, Ella é nome próprio, conforme explicou Pacífico, por isso o artigo pode acompanhá-lo.

Sua aparição faz-nos lembrar da estátua de mármore do Ramallete da obra *Os Maias*. Com a partida de Monforte, o tempo escurece com ferrugem a estátua Vênus Citereia, transformando-a em confusa premonição de infortúnio. Con-

tudo, com o aparecimento de Maria Eduarda, a velha estátua renova-se, pondo-se novamente em vigor. Tanto o aparecimento de Maria Monforte, quanto o de Maria Eduarda se dão de maneira enigmática e mítica.

Diferentemente da estátua, Ella não é fixa ao jardim, mas lá aparece para todas as suas representações. Sua aparição, à maneira das mulheres de *Os Maias*, também se dá de forma enigmática. Ella também rejuvenesce e envelhece de acordo com o que vive ou representa. Para Bis, ela “tem cara de que é bonita só de história... Tem cara de que a cara acaba quando a história acabar” (Bojunga, 2009, p. 122):

O susto não teve tempo de sumir. Logo depois a Ella reapareceu e o susto cresceu ainda mais: ela tinha se transformado por completo. O vestido primaveril que cobria a figura anterior tinha desaparecido debaixo de um manto escuro, roto, sujo, que arrastava no chão. Dos quinze anos que ela aparentava quando apareceu na clareira, agora a cara era de uma velha-velhíssima, coberta de rugas e deformada por cicatrizes, manchas e feridas que o capuz do manto, puxado pra testa, não chegava a disfarçar (Bojunga, 2009, p. 123-124).

Com voz grave e aveludada, Ella representa a Pollux a história dele. Mas existem outros espectadores, para a surpresa de Pollux: a velha e o Bis, que, além de espectadores, são também personagens da peça representada. Bis conta como conheceram Pollux e foram parar em Pedro do Rio. Na representação, o pai que morreu figura na forma da estrela mais brilhante do céu. A figura que tudo vê e sabe.

A representação era sobre o ciúme. Diante da cena patética, inicialmente as sensações sentidas por Pollux foram a de rejeição e a de repulsa, mas logo a repulsa mistura-se com a dor num sentimento de pura *catarse*.

O patético será aqui entendido como procedimento artístico capaz de produzir grande choque ou apatia, resultante de abalo emocional no leitor. Trata-se de forma de persuasão baseada sobre a emoção. Comum entre os gregos, ela produz no leitor grande tensão e, quando concluída, uma espécie de relaxamento, de cura, denominada por Aristóteles de *catarse*.

A *catarse* conquista espaço de realce desde Aristóteles e é compreendida como purgação, purificação e libertação – a satisfação que está associada ao espectador/leitor no momento do aniquilamento do herói é explicada pelo as-

pecto paradoxal do fascínio pelo funesto e pela desgraça, demonstrador das objeções e das profundezas da mente.

A cena representada por Ella é comovente. Comovente também é a leitura dessa obra. O leitor, à medida que a tensão patética progride, comove-se, sente temor e ao mesmo tempo piedade, como na tragédia grega, em que os espectadores, por meio desses sentimentos, atingem a *catarse*. A *catarse* funciona, assim, como uma espécie de restabelecimento das regras e leis modificadas e corrompidas.

Como na tragédia ática, Ella faz uso da máscara para representar o plano que elaborou com Pacífico que vai em busca da verdadeira história de Bis e da velha e decide ajudá-los a retornar ao Piauí.

Ella gostava, desde pequena, de fazer máscaras. Aperfeiçoou sua técnica na Europa, “na feitura de máscaras que aderem ao rosto como uma segunda pele. Com essas máscaras, ela faz da cara o que quer: passa da mais linda à mais monstruosa criatura” (Bojunga, 2009, p. 157). Ela era muito famosa, mas por uma desilusão amorosa, tenta o suicídio, jogando-se do quinto andar. Seu marido e diretor decide tornar a viver na Itália, sozinho. Ela não suporta tamanha perda, era muito dependente dele, a sua atuação sofre declínio e a qualidade de sua representação não é mais a mesma depois disso. À maneira de Genoveva, tenta suicidar-se. Genoveva, personagem de *A Tragédia da Rua das Flores* (1980), de Eça de Queirós, ao descobrir que comete incesto inconsciente com o filho, também atira-se do terceiro andar da casa onde mora, porém, a queda é fatal e a tragédia atinge seu termo. A queda da Ella não é fatal, mas lhe deixa marcas profundas.

Pacífico se apaixonou por ela no teatro. Foi vê-la muitas vezes representar: “acabei aprendendo ela de cor” (Bojunga, 2009, p. 157), segundo ele, uma paixão dupla, pela atriz e pela mulher. Como não podia se dedicar a ela, acabou por criar, no restaurante em que era *chef* de cozinha, diferentes pratos com o nome dela. “– Aí... já que eu não podia... me dar para ela... eu me contentei em dar o nome dela pros pratos que eu criava: Ravióli à Ella, Suflê à Ella, Filé de badejo à Ella” (Bojunga, 2009, p. 152). A mídia anunciou e ela foi apreciar os pratos.

Vale ressaltar que a narrativa estudada divide-se em capítulos intitolados: “O primeiro encontro”, “O intervalo”, “O sonho” e “O segundo encontro”. É uma narrativa que rompe com a linearidade e apresenta uma vigorosa causalidade psicológica. Com estruturação nada rígida, o leitor se depara, por meio do *flash-*

back e da narrativa encaixada, com a circunstância de fuga de Pollux, com o medo sentido e com o encontro com a dupla Velha e Bis. Ainda tratando do aspecto narrativo, a desestruturação é comedida e a atmosfera é fragmentária e difusa, “com acontecimentos disseminados segundo um zigzagueante itinerário”, sem perder de vista a espinha dorsal central (Ceccantini, 2000, p. 397).

É na narrativa encaixada, por meio do fluxo de consciência, que nos deparamos com os tipos peculiares da narrativa: velha e Bis, abreviatura de bisneto. Desejosos de voltar ao Piauí, pois no Rio só tiveram perdas e decepções, os dois vivem na Rodoviária à espera da sorte. Pollux sente pena ao olhar para os dois. Diante da descrição do estado e da história dos mesmos, o leitor compartilha do sentimento da personagem, pois também sente comiseração e piedade. A história da dupla é trágica. Vieram do Nordeste num caminhão cheio de pessoas, em pé. A filha da Velha não aguentou a viagem e morreu pelo caminho. O filho não arrumou emprego e foi tentar a sorte em São Paulo e não mais deu notícia, a mãe de Bis, que estava juntando dinheiro para comprar uma casinha, se apaixona por um agente do tráfico e morre.

Com fome e sem dinheiro, a dupla deseja chegar ao Piauí. Pollux paga-lhes um pão com café e os usa como bodes expiatórios, pois, como era menor e estava sem autorização, não poderia viajar sozinho. Orientada por Pollux, a velha compra passagens para Pedro do Rio, cidade onde morava o tio Pacífico.

Essa é uma das duplas mais irreverentes da obra bojunguense. Habitados com a fome e o desconforto de dormir em rodoviárias ou na rua, fartam-se na casa de Pacífico. É patética a descrição da velha ao tentar encontrar na memória um momento em que tivesse comido assim até se fartar: “Acabou desistindo: a perspectiva de voltar a sentar na mala, se encostar numa parede qualquer e ficar pedindo ajuda a quem passava foi deixando ela outra vez sonolenta: dormir era melhor do que pensar” (Bojunga, 2009, p. 132).

Bis também luta com a sensação da comida “ter sido maior que o estômago” (Bojunga, 2009, p. 132) e com o sofrimento de saber se iam ou não continuar morando na rua.

Na rodovia em que tomarão o ônibus a Salvador, de lá para Teresina e de Teresina para a casa, a velha receia que não possua mais casa. Ela se emociona e tenta entender o porquê de Pacífico estar lhe ajudando:

– Sou sua devedora para sempre.

E o Pacífico sem nunca perder a calma:

– Não, minha senhora, o devedor sou eu.

A velha meio que riu:

– O senhor!...

– E todos que, como eu, moram numa boa casa e têm uma mesa farta somos devedores da senhora, desse menino aí e de tudo que é brasileiro e que vive feito vocês. (Bojunga, 2009, p. 140)

Não se trata de um final feliz superficial. Há denúncia, há engajamento. No momento da despedida, a velha abraça Pacífico e não quer mais largar. Decididamente, expressa: “Pudesse eu ficar com ele. Ficaria com a nobreza da alma” (Bojunga, 2009, p. 140).

A cena é patética, e o final da dupla pode ser considerado um final aberto, porque provoca o leitor e porque a narrativa para eles se interrompe no momento preciso em que embarcam no ônibus para a Bahia. Cabe ao leitor especular sobre o destino das personagens, visto que é deixado um significativo grau de indefinição quanto aos rumos que serão tomados a partir da viagem. É, sem dúvida alguma, um final elaborado, inteligente, que convida o leitor à resignificação; embora não deixe de constituir uma espécie de *happy end*, consegue se configurar como uma boa solução narrativa ao concentrar-se prioritariamente no destino da velha e do Bis. Daí a necessidade de a narrativa de boa qualidade literária e de representação estética fugir da forma fácil do “final feliz” e abrir caminhos alternativos para as personagens.

Se o patético na tragédia grega está sempre ligado à *catarse*, compreendida esta como cura das emoções, não é possível ver o patético presente no romance bojunguense analisado da mesma forma. Sua função não reside no alívio das tensões, mas, antes, no suscitar da indignação do leitor frente a um percurso de pobreza e abandono, enfim, de tristeza. Num primeiro momento, há o toque das paixões; em outro, a indignação frente ao relatado; num terceiro momento – final – há apenas o amargor, a sensação de soco na boca do estômago, restando ao leitor a tristeza de tomar conhecimento do abandono social e moral de muitos brasileiros.

No romance bojunguense não é possível falar em cura das emoções pelas emoções. O drama dos heróis não se configura como sacrifício individual para garantia da ordem coletiva, tal qual ocorre na tragédia ática. A tentativa de sui-

cídio da Ella, a morte de Querida, a reclusão de Pacífico e a fuga de Pollux não contribuem para a construção de nova estrutura social. Aí estão como registro de uma realidade que, no entanto, não se modifica com o sacrifício dos heróis.

Em se tratando dos presságios e das simbologias, consideramos que a simbologia da orquídea é elemento marcante na obra em questão. Segundo o *Dicionário de Símbolos*, de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (2000), na China, as orquídeas eram associadas às festas da primavera, onde eram utilizadas para a expulsão das influências perniciosas. É um símbolo de fecundação. Além disso, é o símbolo da perfeição e da pureza. Para os gregos antigos, as orquídeas suggestionavam a virilidade: “a beleza da flor faz dela, entretanto, um símbolo de perfeição e pureza espirituais” (CHEERBRANT, 2000, p. 664).

Pacífico espera dez anos para viver com Ella. Ele vivia para ela e não com ela, conforme deixou claro para o sobrinho: “A minha história não é de paixão, aí é que está! Quer dizer, é e não é. Mas é mais uma história de servidão” (Bojunga, 2009, p. 84).

Outro presságio é revelado. Ao dizer que a mãe só chamava a ele e ao pai de “meu amor”, Pollux interrompe a fala antes de revelar como ele a chamava: “e eu só chamava ela de... de um nome que nunca mais eu vou chamar” (Bojunga, 2009, p. 153). O nome chamado, como veremos mais adiante, é “Querida”. Tio e sobrinho se identificam mais uma vez. Também Pacífico chamava sua mãe de Querida. Quando Ella se entrega a ele, finalmente, também a chamará pelo mesmo nome. Também se identificam no amor que sentem pelas respectivas mães, definido por lara como amor doente.

Pollux agarra-se a Pacífico, que o abraça, fazendo-o rememorar a intensidade e a carga pressagiosa do abraço da mãe, antes da mesma morrer. Um abraço apertado e prolongado, em que a mãe teve de empurrá-lo para desprender: “aquele abraço teimoso, que não queria soltar a mãe, era movido pela premonição repentina de que ela estava indo embora para nunca mais voltar. E a premonição tinha ficado doendo no peito, hora atrás de hora, pelo resto do dia e pela noite afora” (Bojunga, 2009, p. 150).

A lembrança sofrida do passado parecia tão forte e real, que Pacífico escutou o pai dando a notícia da morte da mãe. As lembranças não o permitem perceber que Pollux tenta se livrar, assim como a mãe, do abraço apertado.

Na segunda e última noite de Pollux na casa de Pacífico, o menino percebe que ele, depois de ter sido chamado por Ella, volta diferente para o quarto. Já

está amanhecendo e Pollux acha o tio estranho. Esse é também um indício lançado de que aquela noite fora especial.

No momento em que Pollux embarca, deseja que o tio embarque com ele para terminar de contar sua história, diante disso, mais um presságio se enuncia: “– A minha história ainda não acabou, Pollux. Acho até que hoje... – Se deteve” (Bojunga, 2009, p. 172). “Hoje” é o início de outra história para Pacífico. A história de não viver mais apenas para ela e por ela, mas também com Ella.

Pacífico faz Pollux prometer-lhe que não vai procurá-lo, nem encorajar ninguém a fazer isso, além de não revelar seu endereço. Sem Pollux entender por quê, o tio explica que não vive sozinho: “A Ella está lá. Agora, mais do que nunca, ela está lá. E eu sou feliz” (Bojunga, 2009, p. 173).

A explanação que Pacífico faz da mãe é também pressagiosa. Segundo ele, o olho e o cabelo clareavam e escureciam, se iluminavam e se apagavam, num processo mutatório que perturbava as pessoas. A emoção, a ansiedade e a esperança se traduziam nessa mutação: “– A fisionomia ficou sombria. – Ah! Quando se revoltava!... Nessas ocasiões, não só o olho, mas o cabelo se revoltava também” (Bojunga, 2009, p. 79). Nesses momentos, o pai comparava a mãe a um mar em ressaca. Diante da metáfora expressa no perigo eminente, na revolta e na capacidade de tragar o nadador desavisado, o pai providenciava uma nova gravidez, sob o manto da simbologia da orquídea, visto que defendia que a chegada de outro filho restabeleceria a calma. Na ressaca de número nove, a mãe morre no parto. É trágica a morte da mãe de Pacífico. No mesmo instante em que dá à luz Lara, a querida de Pollux, a querida de Pacífico fenece. Vida e morte estão lado a lado. Caminham juntas.

No transcorrer do romance, depara-se, muitas vezes, com indícios que possibilitam elucidar a identidade das Queridas de Pacífico e da Querida de Pollux. Há uma espécie de fatalidade que assombra a família de Pacífico, que vai tomando forma, adquirindo consistência e configurando a tragédia da morte da mãe, por meio de circunstâncias, símbolos e sinais, ou seja, os indícios e os presságios que se combinam entre si.

Tematização da arte e o reencontro final em *Querida*

Pollux torna-se um grande escritor de livros de viagem. De certa forma, de-

paramo-nos com a metalinguagem. Na primeira visita que faz ao tio, quando completa 10 anos, o mesmo pergunta-lhe o que deseja ser quando crescer. Contrariamente à resposta do garoto, que deseja ser astrônomo, Pacífico predestina que ele leve jeito para escritor, uma vez que é demasiadamente criativo e tem um grande poder de imaginação.

Em outro momento, já na segunda metade do livro, novamente Pacífico faz referência à futura profissão de Pollux: “guarda o resto das tuas invencionices para quando você virar escritor” (Bojunga, 2009, p. 142).

No capítulo denominado “O intervalo”, o narrador se dedica a explorar a vida de Pollux na Austrália. O garoto tomou gosto pela viagem, começou a cada vez mais intensamente querer conhecer novas terras e novas gentes. Pollux também se sentiu atraído por fixar suas andanças em escrito: “um dia achou que era hora de ver como é que a sua escrita *batia*: deu um relato para lara ler. Ela se entusiasmou; “achou que o filho tinha nascido para escrever” (Bojunga, 2009, p. 177). O relato foi publicado por uma revista londrina e ganhou prêmio. O reconhecimento internacional foi ainda maior estímulo para Pollux se dedicar à escrita. Aos dezenove anos, torna-se colaborador assíduo de revistas e jornais de Lisboa e Madri. Aos 30 anos, já tinha seis livros publicados em diversos idiomas, todos relatos de viagens. E em um desses lançamentos, retorna ao Brasil. Pacífico estava certo: sua vocação não era para a astronomia, era para a escrita.

No capítulo denominado “O sonho”, Pollux encontra-se, após 20 anos, no Rio. Lê estampado em uma página inteira do jornal a notícia do falecimento da Ella. A foto revela o verdadeiro e encantador rosto dela. O leitor se depara com narrativa cíclica, as páginas iniciais e finais referenciam o obituário publicado no jornal. Assim o livro começa, assim o livro chega ao seu fim.

A própria denominação do primeiro capítulo é já o indício de que haverá outro encontro. Por fim, no capítulo intitulado “O segundo encontro”, presenciamos o reencontro do tio com o sobrinho. Em viagem a Minas, para um sarau literário, e imerso em seus pensamentos, nas lembranças de suas paixões e de seus medos, Pollux se depara com placa indicativa de Pedro do Rio. Não consegue desviar, sente uma grande urgência em saber como o tio está e vai ter com Pacífico. Reencontro emocionante: “Se dirigiram pro banco, sem mesmo darem conta de que estavam repetindo os passos do primeiro encontro. E o Pollux resumiu para o Pacífico a vida que tinha vivido nos últimos vinte anos” (Bojunga, 2009, p. 193). Graças ao Roberto, ou à vida, ou à sorte, ou aos deuses, Pacífico não se enganou:

“... ser escritor é sinônimo de ser trabalhador, não é?... eu fui rotulado de “escritor de livros de viagens”. – Olhou para a mata e suspirou resignado. – Como se escritor tivesse que se limitar a um gênero” (Bojunga, 2009, p. 195).

Aqui a metalinguagem vem à tona e a autora problematiza uma questão muito polêmica e importante que é a liberdade do escritor que muitas vezes se submete a tudo o que é pressão a fim de se manter na trilha do sucesso.

A metalinguagem também aparece na explanação sobre a literatura e sobre o escritor: afinal de contas, literatura não deixa de ser isso mesmo: um “anúncio público, sempre meio disfarçado, que os escritores fazem de suas próprias preocupações e anseios... não é?” (Bojunga, 2009, p. 222).

De volta ao quarto de Pacífico, Pollux se emociona: tudo continuava exatamente igual. Pollux faz o que há vinte anos não teve a oportunidade – conhece a casa inteira. Diante de vários quartos, de adereços, de vestimentas, é o das máscaras que o impressiona. Detém-se na máscara do ciúme, a tão decisiva representação da Ella para Pollux.

O primeiro capítulo é intitulado “O primeiro encontro” e o último recebe o título de “O segundo encontro”. Em ambos, o encontro é duplo: com Pacífico e com Ella. No último, Pollux se encontra com a história completa da Ella.

Em se tratando do amor, Pollux teve muitas namoradas, mas nenhuma tinha despertado nele a sensação penosa de “perdendo ela eu me perco... Era medo? Será?... Será que era medo de voltar a ser torturado por aquele ciúme que tinha sentido da Querida, e que, mesmo depois de se reconciliar com o Roberto, ainda tinha carregado por um bom tempo escondido no coração” (Bojunga, 2009, p. 187). Tinha a sorte de poder dramatizar na escrita os problemas e emoções negativas e, dessa forma, exorcizá-los. Apesar de pressupor que Gina na Sicília, Stella no México e Lorena no Brasil fossem para sempre, o para sempre acabou por ciúme: Pollux sempre se achava agarrado a um livro, se dedicando a uma escrita.

O conflito entre os valores do sujeito e os da sociedade capitalista faz-se amplamente presente na literatura ocidental desde a emergência da estrutura social competitiva que encontra na Revolução Francesa o movimento histórico mais significativo. Em *Querida*, a relação entre editor e escritor é a prova desse conflito. No entanto, Pollux não se deixa dominar pela influência da indústria cultural e busca sua liberdade de escritor.

E nas linhas finais do enredo, a despedida de dois homens, tio e sobrinho e uma vida inteira de influência de um sobre o outro: “se abraçaram. Longa e

afetuosamente. O Pollux seguiu pro carro. O Pacífico fechou o portão de ferro e desceu o caminho de Pedra” (Bojunga, 2009, p. 231).

Por fim, Lygia Bojunga, no apêndice “Para você que me lê”, conta que se demorou seguindo mentalmente o Pacífico descer o caminho da pedra e aí faz algumas conjeturas. Apesar de não saber se Pollux encontrou ou não o Bis, uma vez que se mostrou disposto a conhecer melhor seu país, relatou que Pollux recebeu uma correspondência inesperada: o testamento de Pacífico legando o Retiro a ele, com uma nota que dizia assim: “Da mesma maneira que o Retiro me ajudou a encontrar a paz e a felicidade, espero que também te ajude a escrever os livros que você ambiciona criar. Boa sorte! Pacífico” (Bojunga, 2009, p. 234). É nítido notar que esse apêndice, em especial, dá continuidade e põe fim ao enredo.

Considerações finais

Querida (2009) simula a vida para que o leitor possa participar da vida que lhe é oferecida, vivenciando emoções, prazeres, dores, concordando ou discordando de atitudes e ações das personagens, ou mesmo, do narrador desse mundo irreal, mas plausível de ser real.

O romance volta a atenção para o indivíduo na história da sua vida, no valor do seu tempo. Quando situações trágicas acontecem, seja numa concepção de mundo, seja num embate circunstancial, encontra-se a importância humana que completa o propósito do devir trágico por meio da forma romanceada e não mais por meio dos deuses responsáveis pela tragédia da Grécia antiga.

A figura do herói está determinada no tempo e no espaço, logo tal “personagem tem um passado que o explica, um presente que constrói e um futuro que projeta” (Brayner, 1977, p. 217). O herói vive conforme uma pessoa comum, visto que é um ser que faz parte de uma sociedade, sujeitando-se a princípios e padrões sociais. Em contrapartida, o herói grego não tinha essa denotação, “pois era a-histórico” (Brayner, 1977, p. 217).

A tragicidade da Grécia antiga é substituída pelas situações humanas do herói dos romances. Os embates se tornam cotidianos. O trágico romanescos coloca o homem às voltas com o ser e seu tempo. Consoante Sônia Brayner, no mundo moderno, o embate entre o homem e o capital determina uma ação trágica,

mesmo que essa ação não tenha como consequência a morte trágica do herói. A situação trágica moderna se firma a partir dos choques de valores; a personagem trágica moderna emerge da construção cotidiana da história.

Nesse contexto, a proposta deste trabalho se impôs como uma tentativa de detecção analítica dos elementos trágicos que permeiam a obra *Querida* (2009), de Lygia Bojunga. Trata-se da busca de pormenores passíveis de serem interpretados por meio da tragicidade. Mais do que uma reflexão pautada em referenciais que desdobram essa temática tão densa, esperou-se desvelar características trágicas no estilo bojunguense.

Em *Querida* (2009), de Lygia Bojunga, reconhecemos, embora, que não estamos diante de uma tragédia, no sentido estrito e técnico do termo, todavia, está evidenciada a afinidade temática da intriga da narrativa em análise com o universo da tragédia, relação que se estende até ao modo de desenrolar dos fatos que integram a referida intriga.

Referências Bibliográficas

- BOJUNGA, Lygia. *Querida*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga Ltda. 2009.
- BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos e o romance trágico. In: BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano Ramos*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- CASTOR e Pólux. In Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$castor-e-polux](http://www.infopedia.pt/$castor-e-polux)>. Acesso em 26 de junho de 2014.
- CECCANTINI, João Luís Cardoso *Tápias*. *Uma estética da Formação: vinte anos de Literatura juvenil brasileira premiada (1978-1997)*. 459 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2000.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 15 edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- DICIONÁRIO online de português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/querida>>. Acesso em 26 de junho de 2014.
- QUEIRÓS, Eça de. *Obra Completa*. Organização geral, introdução, fixação dos textos autógrafos e notas introdutórias de Beatriz Berrini. v.1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- REIS, Carlos. *Introdução à Leitura d'Os Maias*. 5ª. edição. Coimbra: Almedina, 1995.